

GAYLE FORMAN

*Apenas um Dia*

Tradução

*Ana Paula Doherty*



parte um  
UM DIA 



# 1 agosto

*Stratford-upon-Avon, Inglaterra*

E SE SHAKESPEARE ENTENDEU TUDO ERRADO?

*Ser ou não ser, eis a questão.* Isso é de *Hamlet*, talvez o monólogo mais famoso de Shakespeare. Tive que decorar todo o discurso no primeiro ano de inglês do ensino médio, e até hoje consigo me lembrar de cada palavra. Na época, não pensei muito sobre o assunto. Só queria decorar direito todas as palavras e tirar meu A. Mas, e se Shakespeare, e Hamlet, estivessem fazendo a pergunta errada? E se a verdadeira pergunta não se referir a *ser*, mas a *como ser*?

O problema é que eu não sei se teria feito esse questionamento — *como ser* — se não fosse por *Hamlet*. Talvez tivesse continuado a ser a Allyson Healey que sempre fui. Fazendo o que era esperado, o que, neste caso, era assistir a *Hamlet*.

— Meu Deus, está muito calor. Achei que nunca ficasse tão quente assim na Inglaterra. — Minha amiga Melanie prende o cabelo louro num coque e abana o pescoço suado. — Por falar nisso, a que horas eles abrem as portas?

Olhei para a Sra. Foley, a quem, pelas costas, Melanie e basicamente todo o restante do grupo batizaram de Nossa Líder Destemida, mas ela

estava conversando com Todd, um dos formandos de história que ajudavam a liderar a viagem, provavelmente lhe dando uma bronca por um motivo ou outro. No Teen Tours! A brochura da Extravaganza Cultural que meus pais me deram de presente por ocasião da minha formatura no ensino médio, dois meses atrás, chamava os estudantes como Todd de “consultores históricos” do Teen Tours! No entanto, até aquele momento, Todd tinha sido mais útil estimulando as ressacas, levando todo mundo para beber quase toda noite. Tenho certeza de que esta noite todo mundo vai se jogar. Afinal, esta é nossa última parada, Stratford-upon-Avon, uma cidade repleta de cultura! O que parece se traduzir num número desproporcional de pubs com nomes que homenageiam Shakespeare e frequentados por pessoas que usam tênis brancos chamativos.

Enquanto dá bronca em Todd, a Sra. Foley está usando seus próprios tênis brancos, assim como uma calça jeans azul impecavelmente passada e uma camiseta polo do Teen Tours! Às vezes, à noite, quando todos estão na rua, ela me diz que precisa ligar para a matriz para falar sobre ele. Contudo, parece que nunca coloca isso em prática. Acho que, em parte, é porque, quando o repreende, ele flerta. Mesmo com a Sra. Foley. Principalmente com a Sra. Foley.

— Acho que começa às sete horas — respondo a Melanie. Olho para o relógio, outro presente de formatura, de ouro maciço, a frase *Pelo Mundo* gravada na parte de trás. O relógio pesa muito no meu pulso suado. — Agora são seis e meia.

— Nossa, os ingleses adoram fazer fila. Deveriam ter aprendido com os italianos, que simplesmente se aglomeram. Ou talvez os italianos devessem ter aprendido com os ingleses. — Melanie puxa a minissaia, a saia Band-Aid, como ela diz, e ajeita a miniblusa. — Meu Deus, Roma. Parece que faz um ano.

Roma? Isso foi há seis dias? Ou há 16? Toda a Europa tinha se tornado uma mistura de aeroportos, ônibus, prédios antigos e menus executivos que serviam frango com vários tipos de molho diferentes. Quando

meus pais me deram esta viagem como presente de formatura do ensino médio, fiquei um pouco relutante em ir. Mas mamãe me garantiu que havia pesquisado: o Teen Tours! era muito bem cotado, conhecido por seu alto comprometimento com a educação, assim como pelo cuidado com os estudantes. Eu estaria em boas mãos. “Você nunca estará sozinha”, prometeram meus pais. E, claro, Melanie também viria.

E eles estavam certos. Sei que todo mundo detesta os olhos de águia da Sra. Foley, mas eu gosto da maneira como ela sempre faz a contagem do grupo, gosto até de como desaprova as incursões noturnas aos bares locais, ainda que, na Europa, a maioria de nós já seja legalmente autorizada a beber; não que alguém por aqui pareça dar a mínima para essas coisas.

Eu não frequento bares. Geralmente volto para o quarto de hotel que divido com Melanie e assisto a um filme. Quase sempre é possível encontrar filmes americanos, o mesmo tipo de filme a que, em casa, Melanie e eu geralmente assistimos juntas nos fins de semana, no meu quarto ou no dela, com muita pipoca.

— Estou torrando aqui — reclama Melanie. — E ainda estamos, tipo, no meio da tarde.

Olho para cima. O sol está quente e as nuvens passam depressa pelo céu. Gosto da maneira como elas passam, com nada em seu caminho. Pelo céu, pode-se ver que a Inglaterra é uma ilha.

— Pelo menos o céu não está desabando, como no dia em que chegamos aqui.

— Você tem uma presilha? — pergunta Melanie. — Não, claro que não. Aposto que está adorando seu cabelo agora.

Minha mão vai a minha nuca, ainda esquisita, estranhamente exposta. O Teen Tours! começou em Londres, e, na tarde do segundo dia, tivemos algumas horas livres para fazer compras, o que, imagino, deve ser considerado cultura. Durante esse tempo, Melanie me convenceu a cortar o cabelo bem curto. Era tudo parte do plano de reinvenção pré-faculdade, que ela havia me explicado durante o voo de vinda:

— Ninguém na faculdade saberá que éramos como robôs de processamento automático. Quer dizer, somos bonitas demais para sermos apenas geniazinhas, e, na faculdade, todo mundo é inteligente. Então podemos ser legais e inteligentes. Uma coisa não vai mais excluir a outra.

Aparentemente, para Melanie, essa reinvenção significava o novo guarda-roupa curtíssimo com o qual queimou na Topshop metade do dinheiro que trouxe, e a abreviação do nome de Melanie para Mel, algo que nunca me lembro de fazer, independentemente de quantas vezes ela me chute por debaixo da mesa. Para mim, acho que a reinvenção significou o corte de cabelo que ela me convenceu a adotar.

Eu surtei quando me vi. Até onde consigo me lembrar, sempre tive cabelo comprido e preto, sem franja, e a garota olhando para mim no espelho do salão não se parecia nada comigo. Àquela altura, fazia apenas dois dias que tínhamos chegado, mas eu já estava com um buraco no estômago de tanta saudade. Queria estar de volta em casa, no meu quarto com as conhecidas paredes cor de pêssego e minha coleção de despertadores *vintage*. Perguntei-me como conseguiria sobreviver à faculdade se não conseguia sequer lidar com isso.

Mas me acostumei com o cabelo, e a saudade quase passou totalmente; mesmo que não tivesse passado, o tour está quase no fim. Amanhã quase todo mundo tomará o ônibus direto para o aeroporto e voará de volta para casa. Melanie e eu vamos pegar um trem até Londres para passar três dias com a prima dela. Melanie está falando em voltar ao salão onde fiz o meu corte para fazer uma mecha cor-de-rosa no cabelo dela, e vamos assistir a *Let it Be*, no West End. No domingo, iremos para casa e logo depois começaremos a faculdade: eu, perto de Boston; Melanie, em Nova York.

— Libertem Shakespeare!

Levanto os olhos. Um grupo de aproximadamente 12 pessoas está indo e voltando pela fila, distribuindo panfletos coloridos. De cara, dá para notar que não são americanos: sem tênis brancos reluzentes ou shorts estilo

cargo. São todos absurdamente altos e magros e, de certo modo, diferentes. É como se a própria estrutura óssea deles fosse diferente.

— Ah, vou querer um desses. — Melanie estende a mão e usa o panfleto para se abanar.

— O que diz aí? — pergunto a ela, olhando para o grupo. Aqui na turística Stratford-upon-Avon eles chamam a atenção como papoulas laranja fluorescentes num campo verde.

Uma garota com o tipo de mecha rosa que Melanie está querendo vem até nós.

— Shakespeare para o povo.

Dou uma olhada no encarte. Ele diz *Will Guerrilheiro. Shakespeare sem Fronteiras. Shakespeare Liberto. Shakespeare Grátis. Shakespeare para Todos.*

— Shakespeare de graça? — lê Melanie.

— É — responde a garota de cabelo cor-de-rosa e sotaque britânico.

— Sem lucro capitalista. Como Shakespeare gostaria que fosse.

— Você não acha que, na verdade, ele gostaria de vender ingressos para ganhar dinheiro com as peças de teatro? Não estou tentando bancar a esperta, mas me lembro do filme *Shakespeare Apaixonado* e de que ele sempre devia dinheiro para um e outro.

A garota revira os olhos, e eu começo a me sentir uma idiota. Olho para o chão. Uma sombra paira sobre mim, encobrendo momentaneamente o brilho do sol. E então ouço uma risada. Ergo os olhos. Não consigo ver a pessoa na minha frente porque ela está contra o sol, ainda brilhante naquela tarde. Mas consigo ouvi-lo.

— Acho que ela está certa — diz ele. — Ser um artista morto de fome talvez não seja tão romântico quando se está realmente morrendo de fome.

Pisco algumas vezes. Meus olhos se ajustam e vejo que o cara é alto, talvez uns 30 centímetros mais alto do que eu, e magro. O cabelo dele tem centenas de tons de louro, e os olhos são tão castanhos que quase chegam a ser negros. Preciso colocar o pescoço para trás para conseguir olhá-lo, e ele abaixa a cabeça para poder olhar para mim.



— Mas Shakespeare está morto; não está recebendo direitos autorais lá no túmulo. E nós, nós estamos vivos. — Ele abre os braços, como se fosse abraçar o universo. — O que vocês vão ver?

— *Hamlet* — respondo.

— Ah, *Hamlet*. — O sotaque dele é muito leve, quase imperceptível. — Acho que uma noite como esta não se desperdiça com tragédias. — Ele olha para mim, como se fosse uma pergunta. Então sorri. — Ou em lugares fechados. Estamos fazendo *Noite de Reis*. Ao ar livre. — Ele me passa um panfleto.

— Vamos *pensar* no assunto — comenta Melanie com sua voz de periguete.

O cara levanta um ombro e inclina o pescoço na direção dele, a orelha quase tocando a omoplata angulosa.

— Como quiser — diz ele, apesar de estar olhando para mim.

Então, caminha alegremente para se juntar ao restante de sua trupe.

Melanie os observa ir embora.

— Uau! Por que eles não estão no Teen Tours! Extravaganza Cultural? Essa é uma cultura pela qual eu poderia me interessar.

Fico olhando eles se afastarem, sentindo um estranho puxão.

— Já vi *Hamlet* antes, sabe?

Melanie olha para mim, as sobrancelhas, que ela tirou demais até formarem uma linha fina, arqueadas.

— Eu também. Foi na TV, mas até aí...

— Poderíamos ir... assistir. Quer dizer, seria diferente. Uma experiência cultural, e foi por isso que nossos pais nos mandaram neste tour.

Melanie ri.

— Olha só quem está se revelando uma ovelha negra! Mas e a Nossa Líder Destemida? Parece que está se preparando para fazer mais uma contagem.

— Bom, o calor estava realmente a incomodando... — começo.

Melanie olha para mim por um segundo, depois a ficha cai. Ela lambe os lábios, sorri e fica vesga.

— Ah, claro. Estou com insolação. — Ela se vira para Paula, que é do Maine e está concentradíssima lendo um guia da Fodor. — Paula, estou me sentindo muito tonta.

— Está quente demais — diz Paula, concordando, com simpatia. — Você deve se hidratar.

— Acho que vou desmaiar ou sei lá. Estou vendo pontinhos pretos.

— Não exagere — cochicho.

— É bom criar um clima — murmura Melanie, agora já gostando daquilo. — Ah, acho que vou desmaiar.

— Sra. Foley — chamo.

A Sra. Foley levanta os olhos dos nomes ticados de sua lista de chamada. Ela vem até nós, o rosto tão cheio de preocupação que me sinto mal por estar mentindo.

— Acho que Melanie, quer dizer, Mel está tendo uma insolação.

— É mesmo, pobrezinha? Não deve demorar muito mais agora. E dentro do teatro está fresco e agradável.

A Sra. Foley fala de um jeito híbrido, misturando o sotaque do meio oeste com o britânico, e todos fazem piadas sobre isso, pois acham arrogante. Eu, no entanto, acho que é só porque ela é de Michigan e passa muito tempo na Europa.

— Acho que vou vomitar — continua Melanie. — Odiaria fazer isso dentro do Swan Theatre.

O rosto da Sra. Foley se enrugava de nojo, embora eu não saiba dizer se era pela ideia de Melanie colocar os bofes para fora dentro do Swan ou pelo uso da palavra “vomitar” tão perto da Royal Shakespeare Company.

— Ah, querida. Acho melhor acompanhá-la até o hotel.

— Eu posso levá-la — ofereço.

— Mesmo? Ah, não. Eu não poderia. Você deveria ver *Hamlet*.

— Não, tudo bem. Eu a levarei.

— Não! É minha responsabilidade levá-la. Eu simplesmente não poderia lhe passar um fardo como este.

Consigno perceber o conflito que ela está enfrentando consigo mesma através do rosto distorcido.

— Não tem problema, Senhora Foley. Já vi *Hamlet* antes, e o hotel fica logo depois da praça.

— Mesmo? Ah, isso seria fantástico. Acreditaria se dissesse que, em todos esses anos fazendo isso, nunca vi o *Hamlet* do Bardo interpretado pela RSC?

Melanie faz um pequeno grunhido para dar um efeito especial. Pego-a gentilmente pelo cotovelo. Sorrio para a Sra. Foley.

— Então, definitivamente, a senhora não deveria perder isso aqui.

Ela concorda com a cabeça solenemente, como se estivéssemos discutindo negócios importantes aqui, a linha de sucessão do trono ou algo do tipo. Então, ela toca minha mão.

— Tem sido um prazer tão grande viajar com você, Allyson. Vou sentir sua falta. Se os jovens de hoje fossem iguais a você. Tão... — Ela faz uma pausa momentânea, procurando a palavra certa. — Tão boazinha.

— Obrigada. — Agradeço automaticamente. Mas seu elogio me deixa vazia. Não sei se por essa ser a coisa mais legal que ela consegue pensar sobre mim, ou se por não estar sendo tão boazinha assim naquele momento.

— Boazinha uma ova! — Melanie ri assim que saímos da fila e ela pode parar de fazer cena.

— Fique quieta. Não gosto de fingir.

— Bem, você é muito boa nisso. Se me perguntasse, diria que pode ter uma carreira promissora.

— Não estou perguntando. E aí, onde é o lugar? — Olho para o panfleto. — Canal Basin? O que é isso?

Melanie pega seu telefone, que, diferentemente do meu, funciona na Europa, e abre o aplicativo de mapas.

— Parece ser uma baía perto do canal.

Alguns minutos depois, chegamos à beira da água. Parece carnaval, cheio de gente para lá e para cá. Há barcas amarradas ao lado da água, barcos diferentes vendendo de tudo, desde sorvetes até pinturas. A única coisa que não existe é qualquer tipo de teatro. Ou palco. Ou cadeiras. Ou atores. Olho para o panfleto de novo.

— Será que não é em cima da ponte? — pergunta Melanie.

Caminhamos de volta até a ponte medieval cheia de arcos, mas é só mais do mesmo: turistas como nós perambulando numa noite quente.

— Eles disseram que era hoje à noite? — pergunta Melanie.

Penso naquele cara, os olhos absurdamente escuros, dizendo especificamente que *esta noite* não era muito boa para tragédias. Mas, ao olhar em volta, não há nenhuma peça aqui, obviamente. Provavelmente era algum tipo de piada: engane o turista idiota.

— Vamos tomar um sorvete, assim a noite não vai ser totalmente desperdiçada — sugiro.

Estamos entrando na fila do sorvete quando ouvimos um zumbido de guitarras acústicas e o eco das batidas de bongô. Meus ouvidos se aguçam, meu sonar sintoniza. Fico em pé em cima de um banco para olhar em volta. Não que um palco tenha magicamente aparecido, mas o que acaba de se materializar é uma multidão, bem grande, embaixo de várias árvores.

— Acho que está começando — digo, agarrando a mão de Melanie.

— Mas e o sorvete? — reclama ela.

— Mais tarde — digo, puxando-a em direção à multidão.

“Se a música é o alimento do amor, continue tocando.”

O cara que interpreta o Duque Orsino não se parece nada com um ator shakespeariano, exceto talvez na versão cinematográfica de *Romeu e Julieta* com Leonardo DiCaprio. Ele é alto, negro, com *dreadlocks* no cabelo e vestido como uma estrela do rock cheia de glamour, calça justa de vinil, sapatos de bico fino e um tipo de camiseta de redinha que deixa entrever o peito torneado.

— Ah, com certeza fizemos a escolha certa — cochicha Melanie ao meu ouvido.

Conforme Orsino faz seu monólogo de abertura ao som das guitarras e dos bongôs, sinto um arrepio me subir pela espinha.

Assistimos ao primeiro ato inteiro, seguindo os atores pela beira da água. Quando eles andam, nós andamos junto, o que dá a sensação de que fazemos parte da peça. Talvez por isso seja tão diferente. Eu já vi Shakespeare antes. Produções escolares e algumas peças no Philadelphia Shakespeare Theatre. Mas sempre me senti ouvindo algo em uma língua que não entendia muito bem. Tinha que me forçar a prestar atenção e, na metade do tempo, acabava relendo o programa vez após outra, como se aquilo pudesse me dar uma compreensão mais profunda.

Desta vez, caiu a ficha. É como se meus ouvidos tivessem sintonizado com a língua esquisita e eu tivesse sido absorvida totalmente pela história, do mesmo modo como quando vejo um filme e consigo senti-lo. Quando Orsino se consome de desejo pela fria Olívia, sinto aquele soco no estômago por todas as vezes que me apaixonei por caras para os quais eu era totalmente invisível. E, quando Viola chora pelo irmão, sinto a solidão dela. Quando ela se apaixona por Orsino, que pensa que ela é um homem, é de fato engraçado e ao mesmo tempo tocante.

*Ele* não aparece até o segundo ato. Ele faz o papel de Sebastian, o irmão gêmeo de Viola, que pensavam estar morto. O que faz certo sentido, pois, quando ele entra em cena, estou começando a pensar que ele nunca existiu, que foi apenas fruto da minha imaginação.

Ao correr pela grama, perseguido pelo sempre leal Antônio, nós todos o perseguimos. Um tempo depois, tomo coragem.

— Vamos chegar um pouco mais perto — digo a Melanie.

Ela agarra minha mão, e vamos até a frente da multidão, bem na parte em que o bobo da corte de Olívia vem atrás de Sebastian e eles discutem, antes de Sebastian mandá-lo embora. Um pouco antes de sair, ele parece cruzar o olhar com o meu por meio segundo.

À medida que a luz do dia quente vai suavemente se transformando num crepúsculo e eu vou ficando cada vez mais envolvida no mundo ilusório de Illyria, sinto-me como se tivesse entrado em algum estranho espaço de outro mundo, onde qualquer coisa pode acontecer, onde as identidades podem ser trocadas como sapatos. Onde os que pensávamos estar mortos podem viver de novo. Onde todos têm o seu “felizes para sempre”. Reconheço que é meio fora de moda, mas o ar está morno e gostoso, as árvores estão frondosas e exuberantes, os grilos estão cantando e parece que, só desta vez, é possível acontecer.

Rápido demais, a peça está chegando ao fim. Sebastian e Viola se unem novamente. Viola revela a Orsino que ela é na verdade uma garota e ele, obviamente, agora quer se casar com ela. Olívia percebe que Sebastian não é a pessoa com quem pensou ter se casado, mas não se importa: ela o ama de qualquer maneira. Os músicos estão tocando quando o bobo da corte faz o monólogo final. E então os atores vêm ao palco e agradecem, cada um fazendo algo meio bobo durante o agradecimento. Um dá cambalhotas. Outro toca guitarra. Quando Sebastian agradece, passa os olhos pela plateia e para bem em cima de mim. Abre aquele sorrisinho amarelo engraçado, tira uma das moedas falsas do bolso e a joga para mim. Está bem escuro e a moeda é pequena, mas consigo pegá-la, e agora parece que as pessoas também batem palmas para mim.

Com a moeda na mão, aplaudo. Aplaudivo até minhas mãos começarem a formigar. Aplaudivo como se, fazendo isso, pudesse prolongar a noite, pudesse transformar a *Noite de Reis* num *Longo Reinado*. Aplaudivo para poder me agarrar a esse sentimento. Aplaudivo porque sei o que acontecerá quando eu parar. A mesma coisa que acontece quando termina um filme muito bom, no qual tenha me perdido: serei jogada de volta à minha própria realidade, e algo sombrio nascerá em meu peito. Às vezes assisto a um filme várias vezes só para recapturar aquele sentimento de estar dentro de algo real. O que, eu sei, não faz o menor sentido.

Mas não há recomeço esta noite. A multidão está se dispersando, os atores, indo embora. As únicas pessoas do espetáculo ainda ali são alguns músicos passando o chapéu para doações. Pego uma nota de dez libras na carteira.

Melanie e eu ficamos em silêncio juntas.

— Uau! — diz ela.

— É mesmo. Uau! — respondo.

— Isso foi muito legal. E olha que eu odeio Shakespeare.

Eu balanço a cabeça.

— E será que sou eu ou aquele cara lindo da fila, o que fez o papel de Sebastian, estava de olho em nós?

Nós? Mas ele jogou a moeda para *mim!* Ou por acaso fui eu que a peguei? Por que ele não estaria de olho em Melanie, com seu cabelo louro e seu top estilo camisola? Mel 2.0, como ela se chamava, tão mais atraente que Allyson 1.0.

— Não deu para ver — digo.

— E ele jogou moedas para nós! Mandou bem, por falar nisso. Talvez devêssemos tentar encontrá-los. Ficar um pouco com eles ou qualquer coisa do gênero.

— Eles já foram embora.

— Sim, mas aqueles caras ainda estão aqui. — Ela aponta para os coletores de dinheiro. — Podemos perguntar onde eles ficam.

Balanço a cabeça.

— Duvido que queiram passar o tempo deles com duas adolescentes americanas idiotas.

— Não somos idiotas, e a maioria deles não parecia ser muito mais velha que um adolescente.

— Não. Além disso, a Senhora Foley pode querer dar uma olhada em nós. Precisamos voltar para o hotel.

Melanie revira os olhos.

— Por que você sempre faz isso?

— Isso o quê?

— Diz não a tudo. É como se fosse avessa à aventura.

— Não digo não sempre.

— Nove em dez vezes. Estamos prestes a ir para a faculdade. Vamos viver um pouco.

— Eu vivo o suficiente — retruco. — Além do mais, isso nunca a incomodou antes.

Melanie e eu somos amigas desde que a família dela se mudou para duas casas depois da nossa no verão antes da segunda série. Desde então, temos feito tudo juntas: perdemos nossos dentes juntas, ficamos menstruadas na mesma época, até nossos namoros vieram em parceria. Eu comecei a sair com Evan poucas semanas depois de ela ter começado a sair com Alex (que era o melhor amigo de Evan), ainda que ela e Alex tenham terminado o namoro em janeiro enquanto Evan e eu duramos até abril.

Passamos tanto tempo juntas que quase temos uma língua secreta de piadas e olhares confidenciais. Claro, já brigamos bastante. Às vezes éramos como irmãs. Uma vez quebramos um abajur durante uma briga. Mas nunca foi como agora. Eu nem mesmo tenho certeza do que está acontecendo; desde que começamos o tour, estar com Melanie me faz sentir como se eu estivesse perdendo uma corrida na qual nem sabia que havia entrado.

— Vim aqui esta noite — expliquei, minha voz trêmula e defensiva.

— Menti para a Senhora Foley para que pudéssemos vir.

— Grande coisa! E nós nos divertimos muito! Então, por que não continuamos?

Chacoalho a cabeça.

Ela remexe dentro da bolsa e tira o telefone, checka as mensagens de texto.

— *Hamlet* também acabou de terminar. Craig diz que Todd levou a turma para um pub chamado Dirty Duck. Gosto do som desse nome. Venha com a gente. Vai ser ótimo!



O fato é que eu saí com Melanie e todo mundo do tour uma vez, quando fazia uma semana que estávamos viajando. A essa altura, eles já haviam saído algumas vezes. E, apesar de Melanie conhecer esses caras havia apenas uma semana, o mesmo tempo que eu os conhecia, ela tinha todas essas piadinhas secretas com eles que eu não entendia. Fiquei sentada em volta da mesa cheia de gente, tomando conta de uma bebida, me sentindo como uma criança azarada que tem que começar numa nova escola no meio do ano.

Olho para o meu relógio, que tinha escorregado até embaixo. Puxo-o de volta para cima, cobrindo a feia marca de nascença bem no meu pulso.

— São quase onze horas, e temos que acordar cedo para pegar nosso trem. Se você não se importar, vou levar meu eu avesso a aventuras de volta para o quarto. — Com a voz cheia de rancor, pareço minha mãe falando.

— Tudo bem. Vou andando até lá com você e depois vou para o pub.

— E se a Senhora Foley for dar uma olhada em nós?

Melanie ri.

— Diga a ela que tive uma insolação. E que agora não está mais tão quente. — Ela começa a subir a rampa de volta em direção à ponte. — O quê? Está esperando alguma coisa?

Olho na direção da água, as barcas agora se esvaziando da movimentação da noite. Os coletores de lixo lá fora, numerosos, trabalhando. O dia está terminando; não tem volta.

— Não. Não estou.